

# Mensageiro de Bragança

SEMÁNARIO REGIONAL

Este Suplemento é parte integrante do Mensageiro N. 3505 de 01 de janeiro de 2015 e não pode ser vendido separadamente



## Mensageiro e Mensagem

A celebração do 75º aniversário do jornal Mensageiro de Bragança é motivo de gratidão, alegria e esperança. Hoje, recordamos o passado com enorme gratidão; festejamos o presente com jubilosa alegria e preparamos o futuro com renovada Esperança.

A Sagrada Escritura pela mestria de Isaías apresenta, de modo eloquente, a beleza da profecia do Mensageiro e da Mensagem: «como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a boa nova, que proclama a salvação e diz a Sã: «o teu Deus é rei!»» (Is 52,7), ao serviço da verdade sem ofender a caridade.

É tempo de profunda acção de graças a Deus por todos: os Bispos, os Presbíteros, os Diáconos, as Pessoas Consagradas, os Leigos, os Directores, os Redactores, os Administradores, os Jornalistas, os Colaboradores, os Amigos, os Assinantes, as Instituições e Autoridades autárquicas, civis, académicas, sociais e das forças de segurança, as Paróquias, as Empresas, as Associações e os Leitores, que criaram, acompanharam, construíram, ajudaram, leram, divulgaram, e prolongam a desafiante ousadia da informação, da cultura da comunicação e do desenvolvimento integral de Bragança-Miranda à luz da Mensagem do Mensageiro de Bragança.

Efectivamente, naquele limiar de 1940 apareceu o Mensageiro de Bragança, como quinzenário católico regionalista, sob o lema bíblico: «o temor do Senhor é o princípio da sabedoria» (Prov 1,7) porque os insensatos desprezam o saber e a instrução. Este ousado e confiante desafio segue no actual semanário diocesano e regional tão útil e necessário no mundo plural e global. O Bispo D. Abílio anunciou ao Clero, especialmente aos Párocos, esta boa notícia numa carta assinada no dia 25 de novembro de 1939 e publicada na primeira página do nº 1 do jornal, com estas palavras: «é nosso desejo fazer sair à luz, no próximo dia 1 de janeiro, um jornal diocesano que seja mensageiro da Verdade para todos os nossos queridos diocesanos e ao mesmo tempo um reflexo da vida católica e repositório de verdades e benemerências religiosas e sociais do bom povo da Diocese e dos seus



abnegados Pastores. (...) que o jornal leve com regularidade a todos os cantos da nossa Diocese a nossa voz, e os nossos conselhos, e, se necessário for, as nossas ordens. (...) é nosso desejo ardente que o jornal entre em todos os lares. Estamos certo de que terá leitura útil, agradável e acessível aos Fiéis de todas as classes».

A criação do jornal Mensageiro de Bragança, pode ser considerado um dos seus iniciais actos pastorais, tendo entrado na nossa Diocese a 30 de março de 1939. Esta decisão corajosa e arriscada é explicada pelo Cón. Manuel Formigão, o primeiro director: «A publicação de um jornal que fosse o órgão da Diocese de Bragança e Miranda impunha-se depois que, há dois anos, foi extinto o boletim diocesano» como uma 'arma poderosa' de cultura e de comunicação. A direcção contou com a decisiva colaboração de muitos, sobretudo dos Presbíteros: Cón. Albano Falcão, Cón. Manuel Cardoso, Abade (de Baçal) Francisco Alves e Mons. José de Castro, da equipa do Seminário de S. José e da Casa de Trabalho, fundada igualmente em 1940.

Na edição inaugural, em 4 mega páginas, não faltaram: a palavra do pastor, as notícias, a poesia, as opiniões, as reflexões, as referências ao Seminário Diocesano de S. José, ao Agrupamento 18 dos Escuteiros do CNE, à Acção Católica, à Liturgia, aos Párocos, aos Bombeiros, às questões sociais, às tradições culturais e à agenda popular. Sem margem de hesitação, a história da Diocese de Bragança-Miranda e a do Nordeste Transmontano destas últimas sete décadas e meia não se pode escrever e contar sem o Mensageiro de Bragança, como um dos fenómenos constitutivos da cultura transmontana contemporânea, do seu património e da sua identidade humana e cristã.

O Mensageiro de Bragança, semanário diocesano e regional, atravessou os trabalhos e as dificuldades, bem como as venturas e encantos próprias de um órgão de comunicação diocesano e regionalista e está vivo e em firme e inteligente actualização. Sendo o primeiro de janeiro, oitavo dia do Natal e Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus e, desde 1968, dia mundial da Paz, auguramos, por isso, que o Mensageiro de

Bragança seja Mensageiro e Mensagem do desenvolvimento integral, o novo nome da Paz. De facto: «a dignidade da pessoa humana e o bem comum estão por cima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios. Quando estes valores são afectados, é necessário uma voz profética» (Papa Francisco, EG 218).

Feliz continuação para a Fundação e para o jornal Mensageiro de Bragança cujo rosto é oferecido por pessoas, que dão o seu melhor, dando-se a si mesmos em tempo e em talentos, para que continue a ser Mensageiro de Bragança, portador da verdade e da esperança ao povo bragançano espalhado pelo mundo, aumentando a centralidade da interioridade, o valor eclesial, social e cultural da família humana.

Ao director, ao administrador, ao administrador adjunto, à redacção, aos colaboradores, reconhecidamente muito gratos, acompanhamos na coragem e na confiança para que o Mensageiro e a Mensagem prossigam juntos ad multos annos!

+ José Manuel Garcia Cordeiro  
Bispo de Bragança-Miranda

## // OPINIÃO



**Pe. Lino Maia**  
(Presidente  
da CNIS)

## Nos 75 anos do Mensageiro

A imprensa regional tem no nosso país uma expansão e uma credibilidade que são exceções no panorama europeu – e a imprensa regional católica partilha estas características. Nesta imprensa tem merecido destaque o Mensageiro de Bragança.

Surgiu em conjuntura marcante com o intuito de posicionar e intervir, respondendo aos desafios colocados por essa conjuntura e para responder a questões internas da pró-

pria Igreja e do mundo envolvente. Sem meias palavras, apareceu como veículo produtor e disseminador de informação e de cultura, agindo como amplo formador de opinião, pautando-se pelos seus interesses, mas também tentando conciliá-los com interesses gerais. Associando rigor, apologética e acontecimento, o Mensageiro de Bragança tem sido uma voz da Igreja que está em Trás-os-Montes, que fala de si de uma forma audível e credível, e chega aos outros, a muitos

outros, interpelando, guiando e desbravando caminhos. Ao longo da sua história, sendo também sinal de presença da Igreja, o Mensageiro tem sido bem mais do que isso: são estratégias por onde têm circulado objetivos, proposições e posições, disputas e conflitos e modos de enraizamento da Igreja no seu espaço nordestino e junto à sociedade em geral. Ou seja, aí se têm travado diálogos constantes em torno da Igreja, do seu ideário e da sua cultura e de formas com que esta cultura pode circular ampla e constantemente pelas malhas sociais. Nas suas páginas amareladas, frágeis, puídas pelo tempo, transpiram 75 anos de história por onde se pode vislumbrar muito do pensamento católico e dos acontecimentos sociais e culturais nordestinos.

Tem sabido contrariar objetivos financeiros e tentações arregimentadoras, para ser uma voz que chega limpa e

audível. Dirigido por cultos pastores que, no dizer do Papa Francisco, não temem “cheirar às ovelhas”, tem ousado estar simultaneamente atrás, ao lado e à frente de fiéis e não fiéis, para, con-

mitantemente, ser luz que ilumina, força que inspira e retaguarda diligente. Cultiva o diálogo, congrega reputados colaboradores e aceita o contraditório. Fala para os outros mas também fala com os outros. E não confunde o discurso do altar com o discurso dos media onde se situa.

Hoje o Mensageiro está sólido e pode orgulhar-se do ontem e do anteontem, porque tem um património imaterial de que a diocese de Bragança e a Igreja se orgulham.

É com este saber crer e saber querer, que a experiência tem reforçado, que chega ao último quartel do século de existência destacando-se de muitos periódicos católicos e ombreando com os melhores, desafiando-se a si próprio para assumir aquilo que já vem sendo: a voz de uma Igreja e de um povo que está muito para além das suas próprias dimensões.

Por muitos e bons anos...

“

**Nas suas páginas amareladas, frágeis, puídas pelo tempo, transpiram 75 anos de história por onde se pode vislumbrar muito do pensamento católico e dos acontecimentos sociais e culturais nordestinos.**

”



## Federação dos Bombeiros do Distrito de Bragança

Nesta quadra a Federação dos Bombeiros do Distrito de Bragança deseja a todos os Bombeiros, seus familiares e restante população um próspero  
**Ano Novo 2015.**

O presidente da Direção:  
**Dr. Diamantino Lopes**



Resíduos do Nordeste  
Empresa Inter-municipal

**Dê + cor ao seu Natal**

**Utilize os ecopontos** para depositar: plástico/embalagens/metal, papel/cartão, vidro e pilhas.

**Utilize os ecocentros** para depositar: madeiras, escombros, lâmpadas, resíduos de equipamentos elétricos e eletrónicos, óleos alimentares usados e óleos minerais, entre outros.

**Separe e Reutilize tudo o que puder,** estará a poupar recursos.

**Votos de um Feliz Natal e um Ano Novo mais**

## // OPINIÃO



**Marcelo Rebelo de Sousa**

## Os últimos 75 anos e o Mensageiro

1. Há 75 anos, a Europa entrava naquele tempo de trevas que foi a Segunda Guerra Mundial. E, nascia este Mensageiro de Esperança numa era de desespero e de angústia.

Os seus primeiros anos coexistiram com um conflito destruidor de vidas, de comunidades, de padrões de comportamento. De que Portugal ficou distante mas não totalmente imune.

A Igreja Católica conhecia, então, o magistério de Pio XII à escala universal e experimentava a aplicação da Concordata à escala nacional.

O Mensageiro dava conta dessa vivência, no que noticiava e opinava.

2. A reconstrução mundial e sobretudo europeia demoraria uma “eternidade”. De mea-

dos dos anos 40 até aos anos 50. Sempre com o espectro da Guerra Fria, do confronto entre os dois blocos ideológicos, políticos, militares, económicos e sociais. Isto, enquanto a nossa Pátria conhecia o começo da muito lenta mas irreversível crise do regime. Pio XII concluía o seu pontificado e era sucedido pela novidade chamada João XXIII. O Episcopado português sentia tensões diferentes, de que a Carta do Bispo do Porto a Salazar era um primeiro sinal, que o andar da História tornaria mais significativo.

E o Mensageiro persistia na sua faina de difundir Fé, de fomentar Esperança e de nunca esquecer a verdadeira Caridade, que é Amor. Num quadro que era o largamente dominante na postura do apelidado povo católico.

3. Os anos 60 foram muito estimulantes lá fora, mas menos favoráveis cá dentro. Com três frentes militares em África, emigração massiva, migrações internas e uma classe média ascendente a contestar o regime sem lograr promover a sua que-

da por via reformista.

João XXIII arrancava com o Concílio II Vaticano - normalmente referido como Vaticano II -, com todas as vicissitudes, e que foram muitas, com que Paulo VI teria de lidar, e a Igreja portuguesa sofria internamente as clivagens que os novos tempos determinavam. O Mensageiro mantinha o seu percurso doutrinal e informativo.

4. As décadas de 70 a 90 assistiram a um galope alucinante no mundo. Na ciência, na tecnologia, no apogeu dos marxismos antes de se esboroarem, no anúncio do regresso dos iluminismos racionalistas, no confronto entre blocos que terminaria na implosão do soviético, no aparecimento dos neo-nacionalismos, dos neo-terrorismos, dos neo-liberalismos, no questionar de muitos sistemas e comportamentos vindos do pós-guerra até aos anos 60.

Portugal experimentava o crepúsculo do salazarismo, já não reconvertível, a revolução, a descolonização, a democracia, a integração europeia e depois o

euro como moeda, e várias alterações estruturais na economia. Paulo VI e as convulsões do pós-Concílio cederiam o passo ao longo múnus de João Paulo II, assinalado por uma globalização da mensagem e uma renovação do ímpeto evangelizador.

Entre nós, após anos complexos como os de 70, surgiam dinâmicas diocesanas e paroquiais, movimentos diversos, muitos deles de jovens, formas múltiplas de viver o ser-se cristão em democracia, no quadro europeu e com horizontes cada vez mais vastos. O Mensageiro captava o sentido da mudança e reafirma os valores cristãos num contexto plural, ecuménico, com acrescidos desafios educativos, culturais, económicos e sociais.

5. Até que chegamos ao novo século. Com crises mundial e europeia, relativismos imperantes, contradições chocantes entre os muito ricos e poderosos e os muito pobres e explorados, os avanços notáveis na saúde, na formação, nas comunicações e a desigualdade na distribuição dos efeitos dos passos dados.

E Portugal a sofrer mais de dez anos de crises, dos quais mais de três particularmente dolorosos. Bento XVI denuncia os factores de crise, em especial a europeia, e Francisco apela à redescoberta do essencial, de raízes por vezes minimizadas na imagem que o mundo constrói da mensagem cristã.

Como amiude, em oito séculos de História, mas, agora, de modo mais ligado às crises vividas, instituições em que cristãos estão presentes, em partilha com todos os demais concidadãos, asseguram redes sociais que tentam atenuar a dureza dos sacrifícios comunitários.

O Mensageiro não esmorece na sua faina de dar voz a princípios, acções, testemunhos de necessidades e de obras colectivas.

6. Tempos muito variados os enunciados... A exigirem respostas também elas variadas. De comum, a palavra do Mensageiro.

Como todo o verdadeiro mensageiro, portador de futuro. Porque de futuro é, na sua radicalidade, a mensagem cristã.



// Nordeste Transmontano

# Mensageiro de Bragança: 75 anos



O Mensageiro de Bragança é não só o jornal mais antigo do distrito de Bragança, como é um dos jornais com maior longevidade em todo o país. Neste momento, dos ditos jornais de âmbito nacional, apenas o Jornal de Notícias e o Diário de Notícias são mais antigos do que o Mensageiro de Bragança. Além disso, são muito poucos os jornais portugueses que se podem orgulhar de terem uma publicação ininterrupta há 75 anos consecutivos, já que iniciou a sua publicação em janeiro de 1940.

## O primeiro diretor foi o Cónego Formigão

O impulsor do projeto do Mensageiro de Bragança foi o então bispo da diocese, que colocou como seu primeiro Diretor o Cónego Manuel Nunes Formigão, natural de Tomar e vinculado à diocese

de Leiria, tendo feito o doutoramento em Teologia e Direito Canónico na Universidade Gregoriana de Roma. O Cónego Formigão é conhecido como uma espécie de «apóstolo de Fátima», tendo sido um dos primeiros sacerdotes a investigar, por incumbência superior, logo em Julho de 1917, a autenticidade das chamadas «aparições de Fátima». Mais tarde pôe de pé o jornal «Voz de Fátima», tendo colaborado ainda com vários outros jornais regionais e nacionais. Em 1940, já com 57 anos, sendo professor e diretor espiritual do Seminário da diocese de Bragança, surge como primeiro diretor do «Mensageiro de Bragança», tendo exercido essas funções desde 1940 até 1946. Recentemente, iniciou-se o processo conducente à sua beatificação pelo Vaticano.

O segundo Diretor foi o Pe. Dr. Artur Reino, que dirigiu o «Mensageiro de Bragança» em dois períodos

distintos: de 1946 a 1950, e de 1954 a 1958. Entre esses dois períodos, a direção do jornal foi da responsabilidade do Pe. Baltasar Pires.

De 1958 a 1962 assumiu a direção do «Mensageiro de Bragança» o Pe. Dr. Francisco Videira Pires, que já vinha colaborando com algum protagonismo, tendo continuado a colaborar durante bastantes mais anos, mesmo depois de ter ido para Lisboa a desempenhar funções jornalísticas na Emissora Nacional e na RTP. O Pe. Videira Pires, mais do que jornalista, era um ideólogo do regime político de então, tendo ganho alguma relevância a nível nacional pelo espírito combativo dos seus textos a favor do regime, nomeadamente da integridade territorial nacional defendida pelo Estado Novo. Esse facto, apoiado em 10 artigos subordinados ao título «África - Terra Nossa», chegou a merecer-lhe o prémio António Enes instituído pelo S.N.I., galar-

doado com uma viagem de um mês a Angola e Moçambique, a que foi acrescida uma viagem ao Brasil oferecida pela TAP. Depois do Pe. Videira Pires, a direção do jornal esteve a cargo do Pe. Francisco Silva João (1962-1964 e 1969-1970), do Pe. José Baptista Ferreira (1964-1966), do Pe. Manuel Adelino Ramos (1966-1968) e do Pe. Manuel Sampaio (1970-1974). Desde o 25 de Abril até hoje, a lista dos diretores do Mensageiro de Bragança é a seguinte: Pe. Manuel Sampaio, Cónego Ângelo Olímpio Melenas, Pe. Belarmino Afonso, Pe. Abílio Miguel, Pe. Fernando Calado Rodrigues, Pe. Octávio Sobrinho Alves e Pe. José Carlos A. A. Martins, que continua sendo o diretor.

## Uma plêiade de insígnos colaboradores

Ao longo destes 75 anos, e desde os

primeiros tempos, o Mensageiro de Bragança teve colaboradores insígnos que ficaram na história da Cultura portuguesa pela sua ação nas Artes, nas Letras ou noutras atividades profissionais.

Destacam-se vários nomes de que se podem salientar o Abade de Baçal, sem dúvida um dos mais ilustres, mas também Manuel Deusdado, Professor de Direito na Universidade de Lisboa e Presidente da Casa de Trás-os-Montes, em Lisboa. Tanto um como o outro fizeram parte dos primeiros colaboradores do Mensageiro de Bragança.

Mas podemos falar ainda de Mons. José de Castro e dos Padres António Mourinho, Belarmino Afonso, Francisco Videira Pires, Firmino Martins e Joaquim Rebelo. Todos eles foram figuras da cultura local, salientando-se sobre tudo pelas suas investigações de ordem etnográfica nos respetivos concelhos:



Num espírito de procura comum do sucesso.  
Alicerçado no esforço e no saber.  
Com todos e para todos de igual forma.

Agrupamento de Escolas Emídio Garcia  
161 anos a festejar o Natal com os alunos e as suas famílias.

O futuro nasce da tradição

Boas Festas!

Presépio 2014/15  
Curso de Artes Visuais

# ao serviço da diocese e da região



António Mourinho em Miranda do Douro, Firmino Martins em Vinais e Joaquim Rebelo em Moncorvo. Para lá destes, destacamos ainda Norberto Lopes e Afonso Praça, duas figuras de grande prestígio da imprensa portuguesa.

Do primeiro escreve a Biblioteca Nacional de Portugal: Adolfo Norberto de Morais Carvalho Lopes foi um dos mais reputados jornalistas do século XX, carreira que abraçou com apenas 18 anos de idade. Chefe de Redação do Diário de Lisboa desde a sua fundação (1921), foi também seu Diretor (1956-1967) e fundador de A Capital (1968), jornais onde sempre se destacou na luta pela liberdade de imprensa e consequente abolição da censura prévia.

Afonso Praça, por sua vez, foi um distinto jornalista, tendo feito parte do grupo de fundadores do semanário «O Jornal» e da revista «Visão».

Mais tarde, nos finais da década de 60, surgiu um grupo de colaboradores jovens, quase todos alunos do ensino secundário em Bragança. Alguns elementos desse grupo vieram a ter uma participação de relevo em vários sectores da vida nacional. Deles falaremos mais à frente.

Atualmente, têm vindo a colaborar com o Mensageiro de Bragança figuras tão conhecidas como as

de Adriano Moreira, Marcelo Rebelo de Sousa, Edite Estrela e Silva Peneda.

## Testemunho do desenvolvimento do distrito durante ¾ de século

Nenhum jornal, por muito sério e importante que seja, poderá alguma vez ser considerado como fonte única para o estudo de qualquer época. No entanto, um bom jornal será sempre uma boa fonte para completar o estudo relativo a determinado período da História, sobretudo desde o séc. XX para cá. O «Mensageiro de Bragança», sendo o jornal com maior longevidade no nosso distrito, é indispensável para quem pretenda ter um conhecimento mais perfeito e mais completo do que foi a realidade social, política, cultural e religiosa de Bragança, desde a década de quarenta do séc. XX para cá.

O Mensageiro de Bragança acompanhou a vida, os problemas e as realizações do distrito nos últimos 75 anos, ou seja, durante ¾ de século, o que faz dele um testemunho único do que se passou no nosso distrito durante este período, desde as obras realizadas pela Administração Central, quer durante os 34 anos do Estado Novo, quer durante os 41 anos do pós-25 de Abril, até ao enorme desenvolvimento operado por força da intervenção das autarquias no pós-25 de Abril.

Em 1940, as nossas aldeias, na sua grande maioria, não tinham água canalizada e as ruas transforma-

vam-se, no inverno, em autênticos lodaçais. Foi já o Poder Local que, no pós-25 de Abril, deu às nossas aldeias a qualidade de vida que elas agora apresentam nessa e noutras áreas.

Em 1940, a maior parte das nossas aldeias ainda não tinha energia elétrica, tendo o Mensageiro de Bragança testemunhado o processo de construção das barragens de Miranda do Douro, Picote e Bemposta, pela Administração Central. Foi, por isso, certamente o único jornal a reportar, nas suas páginas, os primeiros passos dados para a construção dessas barragens e, mais tarde, as suas inaugurações.



Datam de 1953 as primeiras publicações no Mensageiro de Bragança sobre a eletrificação do distrito, como se pode ler numa notícia que reproduz na íntegra uma nota do ministério da Economia dessa data, em que se diz o seguinte:

«Vai ser construída neste mês uma Empresa para iniciar o aproveitamento hidroelétrico do rio Douro. Começarão brevemente os trabalhos da central do Picote, que deve

entrar em serviço até 1958.

Pelo gabinete do ministro da Economia foi fornecida a seguinte nota oficiosa:

Como se acentuou no relatório do Plano de Fomento e sua proposta adicional, torna-se indispensável prosseguir no aproveitamento hidroelétrico dos cursos de água nacionais. (...)

Assim enquanto as taxas médias do incremento anual de consumos se situam, na maior parte dos países à volta de 7%, que corresponde à duplicação da procura em cada período de 10 anos, em Portugal a taxa de crescimento registada em 1952, excluída a indústria eletro-

química, foi de 11,4 % com um máximo local na cidade do Porto de 13,1%.

A manter-se este ritmo de expansão tem, pois, o país de preparar-se para produzir, em menos de 7 anos, o dobro da energia que atualmente consome.»

É bom de ver pelo atrás exposto que o aproveitamento do Douro resultou numa necessidade sentida pela economia nacional no seu todo, mas muito em parti-

cular no litoral.

Por isso, em 1955, o Engº Camilo Mendonça, então deputado na Assembleia Nacional, levantou o problema da eletrificação do distrito de Bragança nestes termos:

«Nos começos deste ano de 1955, o consumo de energia elétrica em Bragança é, ainda, praticamente nulo. A eletricidade continua pois a ser para aquelas longínquas terras simultaneamente um sonho e um luxo.»

## Minas do ferro de Moncorvo: uma promessa por cumprir

Para lá das realizações no campo da eletrificação do distrito e do país, a partir das barragens construídas no rio Douro, outras obras e realizações foram sendo acompanhadas e reportadas como, por exemplo, as seguintes:

- Construção e inauguração de Escolas Secundárias – Liceus e Escolas Industriais;
- Construção e Inauguração de Hospitais e Centros de Saúde;
- Construção e inauguração de edifícios dos Tribunais concelhios;



## Agrupamento de Escolas Miguel Torga - Bragança

**Não existem limites para os nossos sonhos, basta acreditar...**

**FELIZ 2015**

- Construção e inauguração de edifícios dos CTT;  
- Construção de estradas, nomeadamente do IP4 e do IP2;  
- Construção de barragens para abastecimento de água às populações nos diferentes concelhos.

No entanto, para lá das obras feitas, também se reportaram e discutiram outras obras apenas prometidas e nunca realizadas. Entre as mais importantes encontra-se a exploração das minas do ferro de Moncorvo, uma promessa tantas vezes feita pela Administração Central, mas nunca cumprida até aos dias de hoje, não obstante a riqueza ímpar que se encontra escondida no subsolo do concelho de Moncorvo. Em 1972, por exemplo, o Mensageiro de Bragança acompanhou a visita que Rogério Martins, então secretário de estado da Indústria fez a Torre de Moncorvo para anunciar a exploração das minas do ferro, tendo sido o único jornal do distrito presente na mesa redonda que o secretário de estado fez com a comunicação social e que depois reportou com grande destaque, num artigo que apareceu com o subtítulo «Agora ou Nunca».

Este título parece ter sido um prenúncio de mau agouro, porque, desde então para cá, o ferro de Moncorvo continua parado e escondido no subsolo daquele concelho, não obstante a importância que podia ter para

o desenvolvimento da região e do país.

### Linha editorial: do muito conservador ao pluralismo atual

Em termos de orientação editorial, o Mensageiro de Bragança sofreu as influências dos seus diretores e dos diferentes contextos históricos e ideológicos a que sobreviveu neste 75 anos de publicação ininterrupta.

Assim, desde 1940 a 1969, o jornal acompanhou e apoiou o regime político vigente. Um dos seus diretores, Francisco Videira Pires, foi mesmo uma das penas mais combativas a favor do regime em todo o país, tendo merecido um prémio por esse facto, como já dissemos.

No entanto, em 1969, tendo como diretor o então Padre Manuel Sampaio, o Mensageiro de Bragança deixou de ser uma voz submissa do regime e dos seus representantes no distrito para se transformar numa voz combativa contra as prepotências de muitos desses representantes do Estado Novo. Para o efeito, muito contribuiu o grupo de jovens de que Manuel Sampaio se fez rodear e que deram uma alma inteiramente nova ao jornal.

As principais mudanças desse período no plano editorial passaram sobretudo pelos seguintes factos: uma nova abordagem em relação a temas como as eleições, a questão

da chamada «guerra do Ultramar», o diálogo com os «Movimentos de Libertação» das ex-colónias, a tortura dos presos políticos, a liberdade de imprensa e a emigração; a publicação de textos muito críticos de figuras e práticas do regime, no distrito; a criação de novas secções de índole crítica da vida social e política do distrito, como «O Homem do Binóculo», «O Cantinho do Inferno», «Cartas ao desafio», «Temas em Debate», «Virão um dia... ou não...», «Posto de Observação», «Praça do Município» e «Correio do Mensageiro...»; a abertura do jornal à colaboração de muitos jovens numa secção muito criativa e de grande impacto na cidade, sobretudo nos meios estudantis da época, chamada «Tribuna dos Novos».

Não podendo ilustrar cada um destes pontos, por falta de espaço, vamos apresentar uma poesia da autoria de Carlos Pires, intitulada «Martelo, bate esses pregos sem medo»:

*Bate, bate,  
Bate-os, martelo, sem medo...  
Tais pregos picam a gente!...  
Bate-os forte, fortemente...  
Não venham a sofrer das picadas da serpente!...*

*Estão velhos, ferrugentos,  
Carcomidos e nojentos!...*

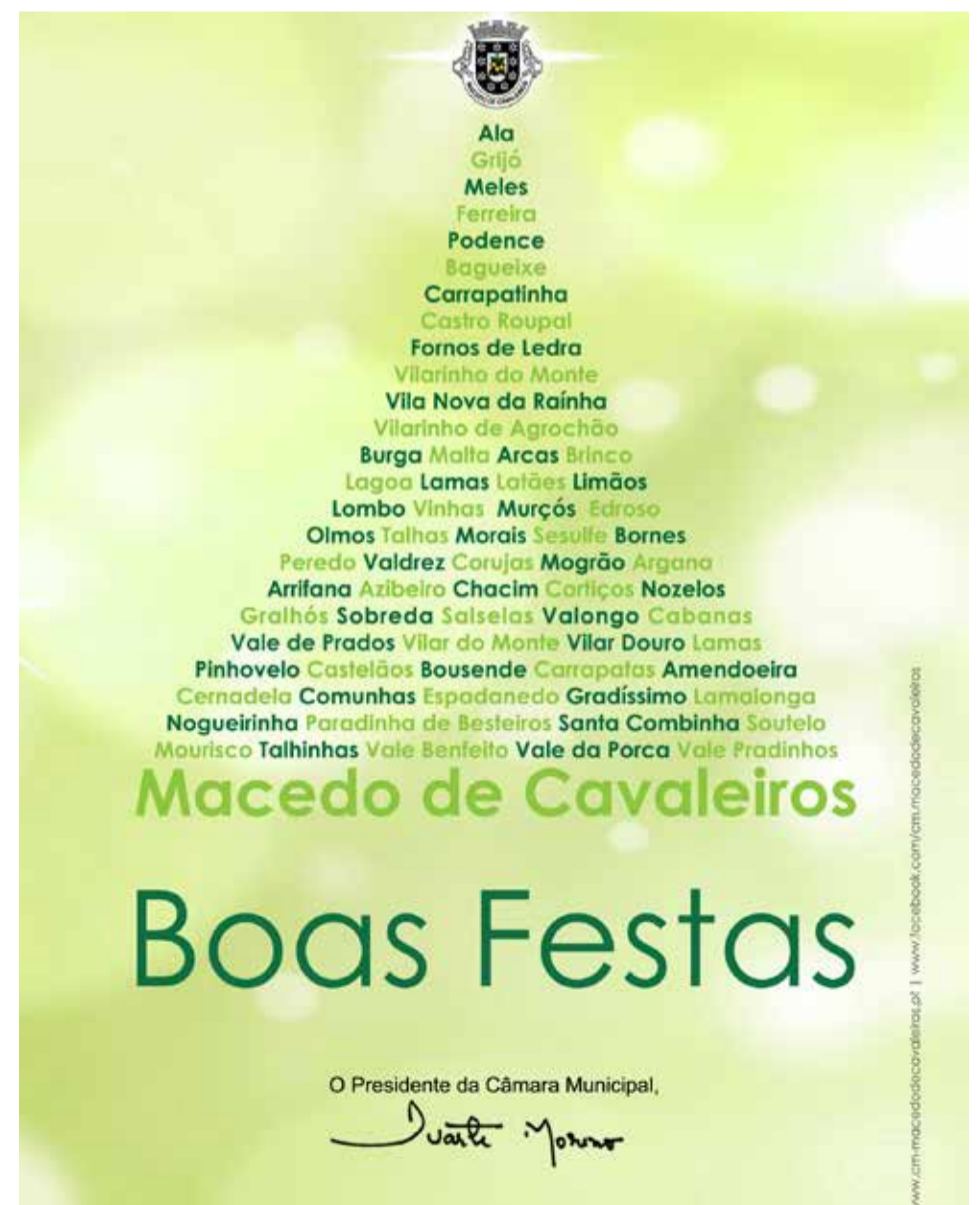
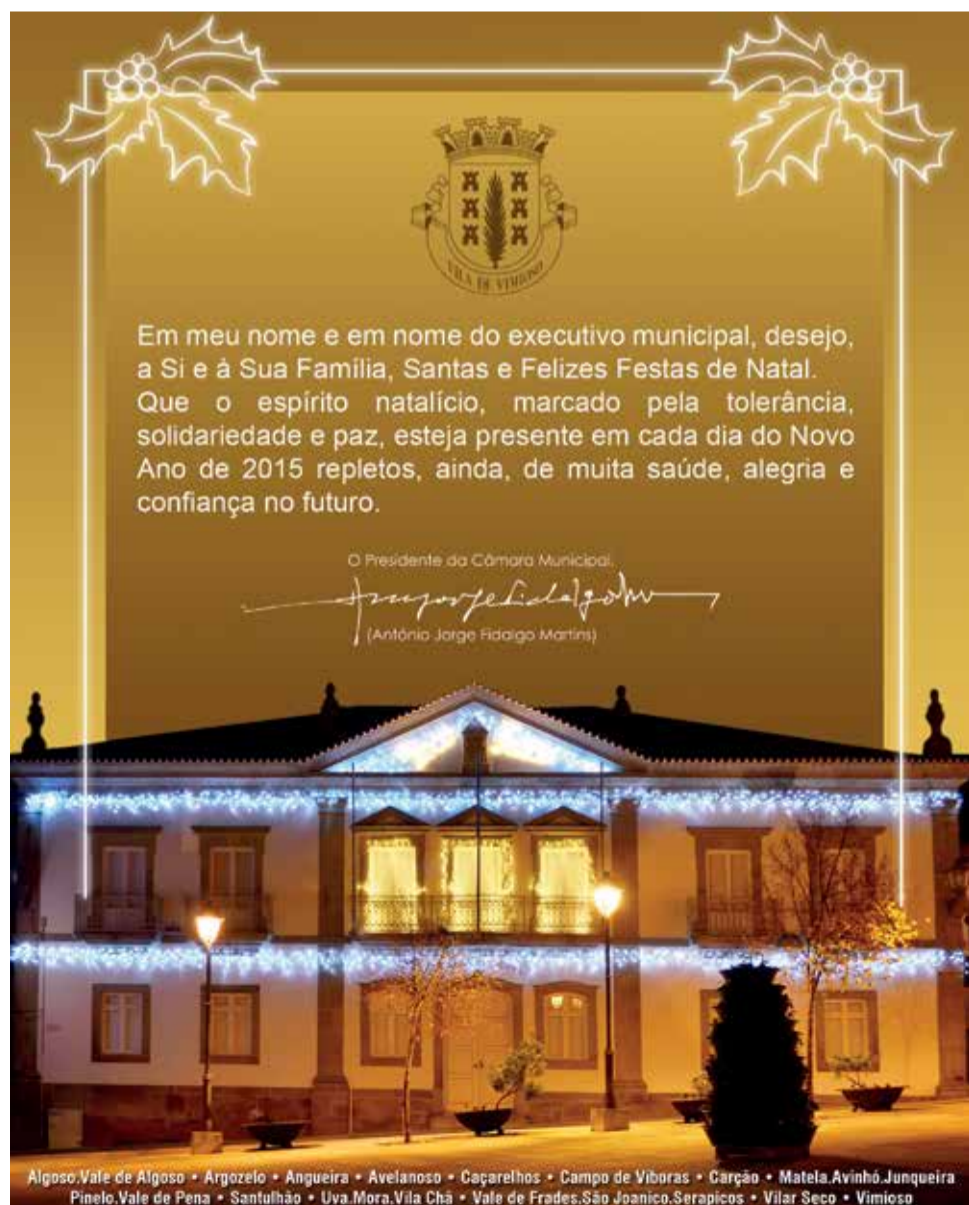
*Bate-os, martelo, sem medo,  
Quem os lá pôs já não é...  
Bate-os, é tarde e não cedo...  
Bate-os, rebate-os, até!...*

*Quantos pobres desgraçados  
Já, por eles, foram picados!...*

*Bate-os, martelo!...  
Bate-os forte, fortemente...  
Estão velhos, ferrugentos,  
Carcomidos e nojentos!...*

Depois do 25 de Abril, o então Padre Sampaio imprimiu uma linha ainda mais progressista ao jornal, o que levou os sacerdotes mais conservadores a exigirem a sua demissão ao bispo da diocese, tendo sido substituído pelo Cónego Melenas, sempre alinhado com os ventos mais conservadores do pós-25 de Abril. Depois disso e após algumas vicissitudes, que ainda estão muito perto de nós para delas se poder fazer uma análise isenta, o Mensageiro de Bragança, com o atual diretor, Pe. José Carlos A. A. Martins, entrou num período de maior profissionalismo e abertura, sem se enfeudar a partidos nem a ideologias, e abrindo-se a colaboradores que noutros tempos foram tratados nas páginas do jornal como adversários inconciliáveis, de que o autor destas linhas é um exemplo.

■ César Urbino Rodrigues



## // OPINIÃO



**Edite Estrela**  
(Ex-Eurodeputada)

### Um caso raro de longevidade

O “Mensageiro de Bragança” é uma instituição de Trás-os-Montes. Setenta e cinco anos são muitos anos mesmo na vida de um jornal. Muitos jornais nascem, alguns crescem, mas poucos sobrevivem às atribuições e incertezas de um mundo em mutação acelerada. O “Mensageiro” é um caso raro de longevidade. Setenta e cinco anos levando notícias e outras “mensagens” à comunidade transmontana. Setenta e cinco anos ao serviço da Informação, da Cultura e da Economia. Mês após mês e ano após ano, foi trilhando um árduo caminho, angariando leitores e consolidando o seu lugar de jornal de referência da imprensa regional portuguesa. Décadas e décadas de bons serviços prestados à Região. Tomei conhecimento da existência do “Mensageiro de Bragança” muito menina, ouvindo associá-lo ao nome do meu avô Álvaro Meireles, leitor assíduo e não sei se colaborador. Mais tarde, reconheci o jornal impresso em letra da forma em casa de meus pais. O curso da vida afastou-me da terra natal, proporcionou-me muitas e variadas leituras e o acesso à diversidade de línguas e culturas. Entre encontros e desencontros, naturais na vertigem do tempo

que passa, fui acompanhando, ainda que a distância, o percurso do “nosso” jornal. E porque Deus escreve direito por linhas tortas, eis-me agora articulista do “Mensageiro”, numa espécie de regresso às origens. É para mim uma honra escrever neste jornal. É gratificante testemunhar que os transmontanos da diáspora, que comigo se cruzam nas mais variadas situações, são fiéis ao jornal da sua região e gostam do que escrevo. Para quem escreve, não há recompensa maior que o apreço dos leitores. Agradeço, pois, o convite que o Padre José Carlos Martins me endereçou. A importância da imprensa local e regional (ILR), como “facto social da maior relevância”, é reconhecida pelos públicos e pelas autoridades. Como socialista, orgulho-me de que, como consta num estudo da Universidade do Minho, a ILR só tenha começado a ser olhada como “um assunto sério” no primeiro governo de António Guterres.

E porque em dia de aniversário manda a tradição que se felicite o aniversariante, junto a minha às muitas vozes que vão cantar os parabéns ao “Mensageiro de Bragança”, desejando que continue por muitos e bons anos a bem servir as gentes e as terras transmontanas. E felicito a direção, a redação e todos os que têm contribuído para engrandecer e prestigiar o “nosso” jornal. No início deste novo ano, quero deixar à reflexão dos leitores - e assim termino - as sábias palavras do Papa Francisco: “Penso em todos os que estão desempregados, frequentemente por causa de uma mentalidade egoísta que procura o lucro a todo o custo”.

## // OPINIÃO



**Adão Silva**  
(Deputado)

### Nos setenta e cinco anos do Mensageiro de Bragança

Setenta e cinco anos depois de D. Abílio Vaz das Neves o ter fundado, numa inspiração fecunda e consistente, o MENSAGEIRO DE BRAGANÇA não acusa a usura do tempo nem tão pouco o acanhamento do seu espaço vital.

Setenta e cinco anos de história e de estórias, colado às vidas de um Povo que lhe dedica respeito e veneração, como é sempre suposto dispensar-se a um tabelião que escrete as nossas vidas e as nossas heranças.

Setenta e cinco anos de labutas inderrogáveis, de empenhos urgentes, de proclamações firmes e verticais onde assentaram o sublime e a minudência, a crítica e o elogio e onde os opostos conviveram em equilíbrios ponderados.

Setenta e cinco anos e, no entanto,

a renascer cada semana, veiculando pedaços da nossa vida coletiva onde todos cabem, o rico e o pobre, o governado e o governante, o velho e o novo, o presente e o ausente, quem nasce e quem morre. A todos, com a grandiosidade de quem se reconhece vara de profeta, o Mensageiro de Bragança abarca e congraça.

Setenta e cinco anos conferem ao Mensageiro de Bragança o raro privilégio de ser arca do tesouro do nosso passado, é certo, mas também a voz avisada do nosso presente e especialmente o astrolábio com o qual esquadrihamos as rotas do nosso futuro.

Setenta e cinco anos depois do ato fundacional de D. Abílio, importa invocar os incontáveis dirigentes e colaboradores que lhe deram consistência e persistência ao longo destas décadas e que servirão de exemplo àqueles que hoje lhe traçam o destino, num tempo de ímpares e supremos desafios comunicacionais.

Vencerão? Venceremos, seguramente, porque as ideias fecundas são imperecíveis e um homem não vive sem as suas memórias.



## Boas Festas Feliz Ano de 2015

*Nesta quadra natalícia, imbuídos de sentimentos de paz, solidariedade e tolerância, em meu nome pessoal e do Município de Vila Flor, desejo a Todos um Feliz Natal e um Ano Novo pleno de concretizações.*

© Presidente da Câmara

Fernando Barros



## Os dados estão lançados

“Alea jacta est...” Há precisamente 75 anos, D. Abílio Vaz das Neves lançou o Mensageiro de Bragança e, com ele, qual borboleta a bater as asas do outro lado do globo, agitou os destinos de uma região e sacudiu as teias de aranha que pululavam pelos quatro cantos do Nordeste Transmontano.

Com uma marca indelével na história, o Mensageiro de Bragança orgulha-se do seu passado e, por ele, aponta ao futuro. Depois de já ter sido pioneiro, com a digitalização, em 2007, de todo o seu arquivo, colocado à disposição de investigadores ou simples saudosistas, o Mensageiro pretende reforçar a sua aposta no digital. Com o advento de novas tecnologias de comunicação que trouxeram novas tendências e formas de os indivíduos se relacionarem entre si e apreenderem o mundo que os rodeia, o mais antigo jornal da região olha o futuro nos olhos.

A reconversão tecnológica já está em marcha e, tal como há 75 anos, é na vanguarda que o Mensageiro se pretende afirmar, liderando as novas tendências, seja com uma crescente inter-relação com os seus leitores, através do seu site, já remodelado e em constante remodelação, com mais peso do vídeo e da imagem, seja com uma presença cada vez maior e sustentada nas redes sociais, ou seja através de parcerias e iniciativas que marcam a agenda de uma região, cada vez mais consciente de si própria e em que uns poucos, aos poucos, vão resistindo, orgulhosamente.

Alea jacta est... Os dados estão lançados...



● Arquivo foi digitalizado

# Reis

## de Salsas

Bragança

### 3 e 4 de janeiro 2015

**Dia 3 de janeiro [sábado]**

14h00 - Concentração de caretos.  
 Grupos de caretos participantes:  
 Salsas; Villanueva de Valtojo (Zamora); Podence;  
 Ourizilhão; Varge; Vale de Porco; Bemposta; Parada;  
 Grijó de Parada.  
 Grupos de gaiteros participantes:  
 Mogalorro; Ourizilhão; Varge.  
 Ronda pelas ruas das aldeias da freguesia,  
 com peditério de fumeiro.

17h00 - Cantar dos Reis com o grupo de cantares “Quinteto Reis 84”.

19h00 - Jantar com todos os participantes.

21h00 - Animação com o grupo “Quinteto Reis 84” e arrematação dos produtos recolhidos no peditério.

**Dia 4 de janeiro [domingo]**

14h00 - Eucaristia de Reis em intenção das Almas.

15h00 - Saída dos caretos.  
 Cantar dos Reis e peditério das Almas com o grupo Antanho.

18h00 - Arrematação dos produtos recolhidos em benefício das Almas.  
 Animação com o grupo “Quinteto Reis 84”.

**Bar e restaurante permanente**

Organização:  
 ACRACS - Associação Cultural e Recreativa dos Amigos dos Caretos de Salsas | Junta de Freguesia de Salsas

Apoios:  
 Câmara Municipal de Bragança | Academia Ibérica da Máscara | Instituto Português do Desporto e Juventude | Habinordeste  
 Centro Social Paroquial de S. Roque de Salsas | Casa de Turismo Rural de Salsas

## Agrupamento de Escolas Abade de Baçal

POPH QUALIFICAR E CRESCER

QR QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL

Governo da República Portuguesa

UNIÃO EUROPEIA Fundo Social Europeu

2014-2015

### BOAS FESTAS E UM ANO NOVO CHEIO DE BOAS NOTAS